

ELFNER, E. Interface sintaxe-prosódia: uma entrevista com Emily Elfner. Tradução de Larissa Colombo Freisleben e Melissa Lazzari. ReVEL, v. 24, n. 47, 2026. [www.revel.inf.br].

Interface sintaxe-prosódia: uma entrevista com Emily Elfner

Emily Elfner¹

ReVEL – Gostaríamos de começar abordando dois modelos diferentes no campo da interface sintaxe-prosódia: Match Theory [Teoria da Correspondência], que assume os princípios da Teoria da Otimidade, e as ideias do trabalho de Nespor e Vogel (1986)². Sua tese de doutorado, publicada em 2012, usa a Match Theory como fundamentação teórica. Você poderia apresentar esse modelo aos nossos leitores? Quais são as diferenças entre essa abordagem e a de Nespor & Vogel (1986), por exemplo?

EMILY ELFNER – A Match Theory (Selkirk 2011) é uma teoria da interface sintaxe-fonologia que propõe que os constituintes sintáticos de diferentes tipos (ou seja, orações, sintagmas, e núcleos) correspondem sistematicamente a certos constituintes prosódicos na hierarquia prosódica. Por exemplo, uma oração (CP ou ForceP) corresponde a uma frase entonacional ($\bar{\square}$), um sintagma (XP ou X^{Max}) corresponde a uma frase fonológica (Π), e um núcleo (X^0) corresponde a uma Palavra Prosódica ($\bar{\square}$). Na proposta original de Selkirk de 2011, essa correspondência é regida por três restrições chamadas de *Match constraints*, em referência a Teoria da Otimidade (TO), , uma para cada tipo de constituinte sintático: *Match-Clause*, para orações, *Match-Phrase*, para sintagmas, e *Match-Word*, para núcleos. Essas restrições exigem, por si mesmas, um mapeamento um para um ou direto entre a estrutura

¹ Professora Associada em Linguística no Departamento de Línguas, Literaturas e Linguística na Universidade de York.

² Nespor M, Vogel I. 1986. *Prosodic Phonology*. Dordrecht, Neth.: Foris

sintática hierárquica e a estrutura prosódica, organizada na hierarquia prosódica. Em particular, a estrutura prosódica produzida usando *Match constraints* é recursiva, imitando o agrupamento de núcleos, sintagmas, e orações encontrado na estrutura sintática. A maior diferença entre a estrutura sintática hierárquica e a estrutura prosódica correspondente é que as etiquetas das categorias sintáticas não são considerados relevantes para a prosódia. Por exemplo, no nível sintagmático, os DPs (*Determinant Phrase*, sintagma determinante), NPs (*Nominal Phrase*, sintagma nominal) e PPs (*Prepositional Phrase*, sintagma preposicional) são tipos distintos de sintagmas, mas cada um desses seria mapeado em frases fonológicas (Π) na estrutura sintática, refletindo o fraseamento prosódico em vez de detalhes sintáticos.

Uma vez que as restrições da TO são violáveis, essas *Match constraints* podem ser ranqueadas em relação a outros tipos de restrições, como marcação prosódica ou restrições de boa formação. Essas restrições regem aspectos da estrutura sintática, como a binariedade, e outros tipos de restrições eurrítmicas. Isso significa que, como em teorias anteriores da interface sintaxe-prosódia (como a proposta por Nespor & Vogel 1986), o mapeamento entre a estrutura sintática e a prosódica é assumido como imperfeito, levando a potenciais não correspondências entre estrutura sintática e fraseamento prosódico. No entanto, na Match Theory há um pressuposto implícito de que o mapeamento entre estrutura sintática e prosódica é, em geral, mais direto do que em abordagens anteriores, incluindo o modelo proposto por Nespor e Vogel. Isso faz a Match Theory particularmente interessante a partir da perspectiva da teoria sintática, porque, se a estrutura sintática e a prosódica estão mais estreitamente relacionadas do que pensávamos anteriormente, então a prosódia em si mesma pode ser usada como um diagnóstico para a estrutura do constituinte sintático.

O modelo proposto no livro *Prosodic Phonology* [Fonologia Prosódica], de Nespor e Vogel (1986), faz parte de uma abordagem mais geral para o fraseamento prosódico desenvolvida nos anos 1980 chamada de Strict Layer Hypothesis, e que sustenta trabalhos como os de Selkirk (1986) e de Pierrehumbert e Beckman (1988). Uma das maiores diferenças entre Match Theory e a Strict Layer Hypothesis é que a Strict Layer Hypothesis exige que a estrutura prosódica seja fundamentalmente não recursiva (resultando em um mapeamento menos fiel da estrutura sintática), enquanto a Match Theory propõe que a estrutura sintática é recursiva *por default*.

Isso leva a diferentes predições sobre o grau de correspondência entre a estrutura sintática e a estrutura prosódica.

ReVEL – Ainda sobre a sua tese, você estudou o conamara, um dialeto do irlandês. O que motivou o estudo desse dialeto? Como o estudo de diferentes línguas pode nos levar a avançar o nosso entendimento da interface sintaxe-prosódia?

EMILY ELFNER – Meu interesse na prosódia irlandesa, e mais especificamente no irlandês conamara (ou connemara), começou quando eu estava iniciando meus estudos de doutorado na Universidade de Massachusetts Amherst. Embora eu já tivesse um interesse geral em fonologia prosódica, eu desenvolvi um interesse na interface sintaxe-fonologia como resultado de trabalhos acadêmicos e de discussões com dois professores em particular, Elisabeth Selkirk e Kyle Johnson, e eu estava especialmente interessada em encontrar exemplos concretos de línguas nas quais a prosódia parece afetar a ordem de palavras. Isso eventualmente me levou ao fenômeno da posposição de pronomes em línguas célticas gaélicas (irlandês e gaélico escocês), com base em análises teóricas como as de Chung e McCloskey (1987), Adger (1997) e McCloskey (1999). A posposição de pronomes é um processo que ocorre em irlandês e em gaélico escocês que envolve o deslocamento de pronomes objetos fracos de posições no centro da frase para o final dela, e que parece não ter efeito na interpretação ou na estrutura informacional. Uma vez que o processo tem como alvo palavras fonologicamente fracas (não-pronomes permanecem *in situ*), pode-se argumentar que o deslocamento de pronomes é motivado por fatores prosódicos, e não sintáticos.

Eu inicialmente desenvolvi análises prosódicas da posposição de pronomes para um dos meus artigos apresentados na qualificação como aluna de doutorado, o que eventualmente levou a uma colaboração com Jim McCloskey e Ryan Bennett, que também estavam interessados em investigar a interface sintaxe-prosódia em irlandês, na Universidade da Califórnia em Santa Cruz. Isso resultou em uma publicação em co-autoria sobre a posposição de pronomes em irlandês (Bennett et al. 2016), na qual desenvolvemos uma análise desse fenômeno com base na Match Theory. No entanto,

durante esse período, eu estava também desenvolvendo uma proposta para minha tese de doutorado. Eu estava interessada em investigar mais profundamente a motivação prosódica para a posposição de pronomes, o que levou a um interesse geral em estudar a prosódia e, mais especificamente, o fraseamento prosódico, em irlandês.

O irlandês parecia uma língua ideal para estudar o fraseamento prosódico e a interface sintaxe-prosódia, porque embora houvesse pouco trabalho existente sobre a prosódia no nível da sentença, a sintaxe da língua era relativamente bem compreendida a partir de uma perspectiva teórica, devido principalmente ao trabalho de Jim McCloskey. Uma vez que meu interesse era primordialmente fonológico e relacionado à interface, eu fui capaz de mergulhar no meu estudo do fraseamento prosódico e do mapeamento sintaxe-prosódia com um bom entendimento da sintaxe da língua já estabelecido, o que significa que eu fui capaz de testar questões teóricas na interface logo no início. Isso foi importante porque o irlandês é, de várias formas, uma língua pouco estudada e ameaçada.

A decisão de focar no irlandês conamara em particular foi parcialmente motivada pela disponibilidade de falantes nativos com os quais eu poderia trabalhar. Durante as fases iniciais da minha pesquisa, eu tinha trabalhado de maneira próxima com um falante nativo de irlandês que vivia em Boston, que era originalmente de um vilarejo a oeste de Galway na região de Connemara na Irlanda. Eu tinha também visitado essa região para estudar irlandês, e mais tarde, durante minhas viagens de trabalho de campo para a Irlanda, recrutei falantes baseado em contatos em Galwaye Carraroe (um vilarejo no oeste da Irlanda). Quase todos os falantes que eu consegui recrutar para o meu estudo eram falantes do dialeto conamara, então fazia sentido focar naquele dialeto para minha análise. Isso também era conveniente, uma vez que os outros dois dialetos principais do irlandês, do norte (Donegal) e do sul (Munster) são bastante distintos em termos de sua prosódia se comparados ao irlandês conamara, então estudá-los também teria ampliado significativamente o escopo do projeto.

ReVEL – Quais são os maiores desafios teóricos e metodológicos enfrentados por pesquisadores interessados no estudo da interface sintaxe-prosódia?

EMILY ELFNER – No nível teórico, eu diria que o maior desafio, especialmente para estudantes ou pesquisadores que estão começando a trabalhar nessa área, é que dominar a literatura e as teorias relevantes pode ser intimidador. A interface sintaxe-prosódia, por sua natureza, interage com quase todos os outros subcampos da linguística: fonética, fonologia, sintaxe, semântica/pragmática, estrutura informacional e processamento de frases estão todos envolvidos na determinação de como fraseamento prosódico, proeminência e outros aspectos da prosódia são realizados. Isso significa que os pesquisadores precisam ter algum entendimento da literatura, das teorias e das metodologias em cada um desses subcampos. Além disso, a interface sintaxe-prosódia em si mesma contém muitos debates teóricos complexos que evoluíram ao longo dos anos. Por exemplo, pesquisadores debateram se a hierarquia prosódica é mesmo necessária para compreender fenômenos prosódicos. Nos últimos anos, propostas como a Match Theory abordaram algumas dessas questões de uma nova maneira. Tendo dito tudo isso, pode ser desafiador mergulhar na literatura sobre a interface sintaxe-prosódia, mas pode ser bastante recompensador quando você chegar lá, já que é fascinante perceber como a prosódia pode ser afetada por tantos fatores em interação.

No nível metodológico, pode ser desafiador coletar o tipo de dado que é necessário para testar nossas perguntas teóricas. Por outro lado, como em muitos trabalhos em fonética e fonologia de laboratório, pares mínimos de enunciados gravados, obtidos sob condições controladas, são cruciais para responder perguntas específicas. Esse tipo de dado é mais bem coletado em um ambiente de laboratório ou em contextos tradicionais de coleta de dados em campo, frequentemente usando tarefas nas quais os participantes são solicitados a ler ou a traduzir frases. Por outro lado, a prosódia no nível da sentença e entonação são partes naturais da fala que emergem melhor na fala natural, espontânea e não roteirizada. A fala lida ou elicitada, embora tenha seus usos, também corre o risco de perder parte da naturalidade da fala espontânea. No entanto, a prosódia da fala espontânea pode ser difícil de ser estudada de uma perspectiva metodológica, pois não permite controlar propriedades como estrutura sintática, estrutura informacional, proeminência, ou mesmo o conteúdo segmental das palavras em si, o que pode até mesmo ter um efeito

na fonética e na fonologia da prosódia. Então, a fala espontânea pode ser difícil de analisar sem um conhecimento prévio do sistema prosódico de uma língua, o que provém de uma análise cuidadosa de pares mínimos. Alguns pesquisadores abordaram essas questões metodológicas desenvolvendo metodologias inovadoras para estudar a prosódia, como tarefas envolvendo fala controlada (como tarefas de mapa, Anderson et al. 1991) ou fala semiestruturada (como descrever uma imagem). Uma discussão interessante de algumas dessas questões em línguas ameaçadas pode ser encontrada em Caldecott and Koch (2014).

Uma consequência desses desafios teóricos e metodológicos é que as línguas mais bem estudadas em termos de prosódia são, em sua maior parte, línguas globais, como o inglês, que foram objeto de muitos trabalhos experimentais e teóricos e que têm uma grande quantidade de falantes nativos. A interface sintaxe-prosódia se depara, então, com um problema: nosso conhecimento da tipologia prosódica é relativamente limitado se comparado a outras áreas de linguística, em parte porque o entendimento da prosódia no nível da sentença de uma língua também exige um estudo relativamente aprofundado não apenas da prosódia, mas também da sintaxe, da fonética, da fonologia no nível da palavra e da estrutura informacional. Isso faz com que mesmo a descrição básica de sistemas prosódicos de línguas pouco estudadas seja um desafio.

Eu argumentaria que precisamos de mais pesquisadores que estejam dispostos a investir tempo para fornecer trabalhos descritivos cuidadosos e teoricamente informados sobre línguas ameaçadas e pouco estudadas. Assim como no domínio teórico, essa pode ser uma tarefa desafiadora, mas gratificante em última análise.

ReVEL – Quais são as principais perguntas que pesquisadores da interface sintaxe-prosódia buscam responder atualmente?

EMILY ELFNER – Há várias perguntas atualmente colocadas para os pesquisadores trabalhando na interface sintaxe-prosódia, então falarei sobre algumas das mais importantes: a natureza da interface sintaxe-prosódia e a arquitetura da gramática.

Seguindo as propostas de Chomsky e outros no quadro teórico gerativista do minimalismo em sintaxe (Chomsky 1995), há um consenso geral de que o componente sintático da gramática é o único componente verdadeiramente gerativo, e que o processo sintático de spell-out alimenta o *output* fonológico e, em última análise, o *output* fonético dos enunciados. Isso significa que a estrutura sintática é construída usando operações puramente sintáticas e que o *output* da estrutura sintática é enviado ao componente fonológico (também chamado de Forma Fonológica ou FF). Como parte do spell-out sintático, a estrutura sintática hierárquica é transformada em forma fonológica por meio de operações, como a inserção de vocabulário (substituir traços sintáticos abstratos por itens lexicais formados por fonemas), a linearização (determinar a ordem de palavras baseada na estrutura hierárquica) e o parsing da estrutura prosódica (correspondência entre constituintes sintáticos e prosódicos baseada em restrições de mapeamento sintaxe-prosódia ou algoritmos, como *Match constraints* propostas na Match Theory). Esse parse fonológico é, então, eventualmente encaminhado para o *output* fonético, que é o que nós efetivamente pronunciamos.

A arquitetura da gramática e a natureza do spell-out sintático foram amplamente debatidas, e formam a base de algumas questões fundamentais que pesquisadores estão interessados em investigar a partir de uma perspectiva teórica. Por exemplo, as operações no Spell-Out podem interagir umas com as outras ou elas ocorrem sequencialmente? Isso se relaciona com a questão que eu coloquei inicialmente no meu trabalho sobre posposição de pronomes em irlandês, que investigou em que medida a ordem de palavras (ou, mais especificamente, a linearização) pode ser diretamente influenciada por fatores prosódicos. O modelo que eu descrevi acima, também chamado de modelo Y da gramática, assume que a interface sintaxe-prosódia pode ser pensada como uma “rua de sentido único”, em que a sintaxe influencia a estrutura sintática, mas não o oposto. Ao determinar a ordem de palavras de uma frase, por exemplo, isso significa que fatores prosódicos não podem modificar a estrutura sintática construída no componente sintático da gramática; por exemplo, a prosódia não pode ser usada para motivar o movimento sintático. Em vez disso, fatores prosódicos só podem afetar a *linearização* dos elementos, já que essa é uma operação que ocorre no nível de spell-out. Iríamos

prever, então, que quaisquer mudanças na ordem de palavras que ocorrem pós-sintaticamente durante o spell-out não afetariam a interpretação semântica do enunciado. É isso que Bennet, McCloskey e eu argumentamos que era o caso na posposição de pronomes em irlandês (Bennett et al. 2016): pronomes fracos em irlandês são deslocados apenas pós-sintaticamente, e que é por isso que o seu movimento não afeta a estrutura ou a interpretação da frase. Por essa razão, argumentamos que esse é um caso de movimento puramente prosódico ocorrendo no spell-out sintático, e que fatores prosódicos, nesse caso, não afetam a estrutura sintática de input, mas apenas a linearização de elementos.

No entanto, há outros exemplos de fenômenos em que se torna menos claro que a interface sintaxe-prosódia é realmente uma rua de sentido único, indo da sintaxe à prosódia. Por exemplo, a teoria da contiguidade (Richards 2016) propõe que o movimento *wh*- (uma operação de movimento sintático) é diretamente influenciado pelo fraseamento prosódico, com a consequência de que o fraseamento prosódico pode, na verdade, determinar se o movimento sintático ocorre ou não. Também há exemplos de flexibilidade na ordem de palavras em línguas nas quais a estrutura informacional, e, por extensão, a prosódia, parecem ter um papel em determinar a ordem de palavras, como ocorre, por exemplo, no fenômeno de *scrambling* em japonês (Agbayani et al. 2015) ou no movimento motivado por foco em línguas como o húngaro (Szendrői 2001, 2006). Perguntas sobre a arquitetura da gramática incluem algumas das grandes perguntas sobre a natureza da linguagem, e investigações na interface sintaxe-prosódia vão ao ponto central de muitas dessas questões.

ReVEL – Gostaríamos de finalizar esta entrevista perguntando quais referências bibliográficas você recomendaria para alguém interessado em estudar a área da interface sintaxe-prosódia, desde textos introdutórios até os mais avançados.

EMILY ELFNER – Em termos de livros-texto, eu tenho duas recomendações principais: o livro de Caroline Féry *Intonation and Prosodic Structure* [Entonação e Estrutura Prosódica] (Féry 2017) e o livro de D. Robert Ladd *Intonational Phonology*

[Fonologia Entoacional] (Ladd 2008 [1996]). Esses dois volumes oferecem uma visão geral de muitas das questões teóricas e práticas envolvidas no estudo da interface sintaxe-prosódia, bem como da prosódia e da entonação em geral.

Há, também, vários artigos de síntese que podem ser uma boa entrada no campo, uma vez que incluem citações de muito da literatura fundamental, bem como de literatura recente da área, e são escritos a partir de perspectivas diversas. Alguns dos que eu recomendaria e que achei particularmente úteis (incluindo dois de minha autoria) incluem: Elordieta (2008), Wagner e Watson (2010), Selkirk (2011), Wagner (2015), Cole (2015), Ishihara (2015), Elfner (2018), Bennett e Elfner (2019) e Ishihara e Kalivoda (2022). Algumas coletâneas relativamente recentes e úteis sobre a interface sintaxe-prosódia e sobre fonologia prosódica incluem os dois volumes sobre tipologia prosódica editados por Sun-Ah Jun (2005, 2014), uma edição especial da revista *Phonology* editada por Elisabeth Selkirk e Seunghun Lee (Selkirk & Lee 2015), uma coleção especial na revista *Glossa* editada por Lauren Clemens e por mim mesma (Clemens & Elfner 2017), e um volume editado por Haruo Kubozono, Junko Ito e Armin Mester (Kubozono et al. 2022).

References:

- ADGER, David. VSO order and weak pronouns in Goidelic Celtic. *Canadian Journal of Linguistics*, v. 42, p. 9-29, 1997.
- AGBAYANI, Brian; GOLSTON, Chris; ISHII, Toru. Syntactic and prosodic scrambling in Japanese. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 33, p. 47-77, 2015.
- ANDERSON, A.; BADER, M.; BARD, E.; BOYLE, E.; DOHERTY, G. M.; GARROD, S.; ISARD, S.; KOWTO, J.; MCALLISTER, J.; MILLER, J.; SOTILLO, C.; THOMPSON, H. S.; WEINERT, R. The HCRC Map Task Corpus. *Language and Speech*, v. 34, p. 351-366, 1991.
- BENNETT, Ryan; ELFNER, Emily. The syntax-prosody interface. *Annual Review of Linguistics*, v. 5, p. 151-171, 2019.
- BENNETT, Ryan; ELFNER, Emily; MCCLOSKEY, James. Lightest to the right: An apparently anomalous displacement in Irish. *Linguistic Inquiry*, v. 47, p. 169-234, 2016.
- CALDECOTT, Marion; KOCH, Karsten. Using mixed media tools for eliciting discourse in Indigenous languages. *Language Documentation and Conservation*, v. 8, p. 209-240, 2014.

CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

CHUNG, Sandra; MCCLOSKEY, James. Government, barriers and small clauses in modern Irish. *Linguistic Inquiry*, v. 18, p. 173-237, 1987.

CLEMENS, Lauren; ELFNER, Emily (org.). *Glossa Special Collection: Prosody and Constituent Structure*. 2017.

COLE, Jennifer. Prosody in context: A review. *Language, Cognition and Neuroscience*, v. 30, p. 1-31, 2015.

ELFNER, Emily. The syntax-prosody interface: Current theoretical approaches and outstanding questions. *Linguistics Vanguard*, v. 4, p. 1-14, 2018.

ELORDIETA, Gorka. An overview of theories of the syntax-phonology interface. *International Journal of Basque Linguistics and Philology*, v. 42, p. 209-286, 2008.

FÉRY, Caroline. *Intonation and Prosodic Structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

ISHIHARA, Shinichiro. Syntax-phonology interface. In: KUBOZONO, H. (org.). *The Handbook of Japanese Phonetics and Phonology*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015. p. 569-618.

ISHIHARA, Shinichiro; KALIVODA, Nick. Match Theory: An overview. *Language and Linguistics Compass*, v. 16, 2022.

JUN, Sun-Ah (org.). *Prosodic Typology: The Phonology of Intonation and Phrasing*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

JUN, Sun-Ah (org.). *Prosodic Typology II: The Phonology of Intonation and Phrasing*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

KUBOZONO, Haruo; ITO, Junko; MESTER, Armin (org.). *Prosody and Prosodic Interfaces*. Oxford: Oxford University Press, 2022.

LADD, D. Robert. *Intonational Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008 [1996].

MCCLOSKEY, James. On the right edge in Irish. *Syntax*, v. 2, p. 189-209, 1999.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

PIERREHUMBERT, Janet; BECKMAN, Mary. *Japanese Tone Structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1988.

RICHARDS, Norvin. *Contiguity Theory*. Cambridge, MA: MIT Press, 2016.

SELKIRK, Elisabeth. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook*, v. 3, p. 371-405, 1986.

SELKIRK, Elisabeth. The syntax-phonology interface. In: GOLDSMITH, J.; RIGGLE, J.; YU, A. (org.). *The Handbook of Phonological Theory*. 2. ed. Wiley-Blackwell, 2011. p. 435-484.

SELKIRK, Elisabeth; LEE, Seunghun (org.). *Phonology*, v. 32, n. 1: Constituency in Sentence Phonology, 2015.

SZENDRŐI, Kriszta. *Focus and the syntax-phonology interface*. 2001. Tese de doutorado – University College London.

SZENDRŐI, Kriszta. Focus movement (with special reference to Hungarian). In: EVERAERT, M.; VAN RIEMSDIJK, H. (org.). *The Blackwell Companion to Syntax*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2006. p. 272-337.

WAGNER, Michael. Phonological evidence in syntax. In: KISS, T.; ALEXIADOU, A. (org.). *Syntax - Theory and Analysis. An International Handbook*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015. p. 1154-1198.

WAGNER, Michael; WATSON, Duane. Experimental and theoretical advances in phonology: A review. *Language and Cognitive Processes*, v. 25, p. 905-945, 2010.

Editores

Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL

ISSN 1678-8931

<https://www.revel.inf.br/en/>